

# MUDANÇAS

RUBEM BRAGA

O Clube dos Artistas e Amigos da Arte Moderna, de São Paulo — aconteceu com ele alguma coisa que faz a gente hesitar em tratá-lo, com a intimidade antiga, de Clubinho. Alguns senhores idosos como eu têm receio de explicar às novas gerações que às vezes sentem saudade no pequeno retângulo de tabique enfurnado no fundo de um salão da Itapetitinga. Para ali eu levava diretamente a minha maleta quando saltava do avião; Doracy me sorria com afeto e preparava o "whisky" — tão saboroso e necessário para me integrar nas coisas como aquela canja de galinha gorda que lá em Cachoeiro esperava o estudante que chegava pelo noturno da Leopoldina, cheio de poeira e emoção.

Mudando-se para os Arquitetos, na esquina da rua não sei o que Freitas com a rua não sei o que Martins (os senhores das placas me desculpem, mas ali é a esquina de Newton Freitas com Luis Martins) ele ficou mais bem instalado. Tudo bom e amplo, numa sobre-loja que semelha um balcão, e as cadeiras e mesas de um bom gosto displicente — mas o Diabo que entenda a alma sutil dos butecos. Vejam que o Itapoan mudou no mesmo rumo, passando da praça da República para a Vieira de Carvalho, e, entretanto, continuou sendo e até parece que ficou um pouco mais intimamente Itapoan.

Pois deu uma coisa no Clubinho, deixou de ser um lugar por onde se passava e acabava ficando, para ser um lugar onde se vai e acaba saindo. Houve crianças, talvez conversas políticas, talvez cheiro de jantar — alguma coisa que desentou e perdeu o jeito. Entrementes o Museu de Arte Moderna arrumou umas mesinhas debaixo da escada, e então descobri os que ver quadros de França ao som de líquidos da Escócia é um grande conforto moral.

Mas o Clubinho reage. A diretora Noémia levou Silvio Caldas; e, generoso como um príncipe, o seresteiro recordou as melhores coisas antigas de Noel e Orestes e cantou seu próprio samba, que é tão urgente gravar, "Nos braços de Isabel". Agora inventaram fantasias do 1900, irão pessoas do Rio, dizem até que tomarão aqui o avião noturno já fantasiadas, e haverá de tudo, desde a alta sociedade até o baixo espiritismo.

Nesse entrementes um grupo de amigos chefiado por Luis Coelho resolveu comemorar com um churrasco o nobre gesto de um senhor que ia fazer uma conferência mas desistiu disso, e quando a noite desceu tomamos o velho rumo da Donana de Santo Amaro, entre cujas árvores outrora retumbaram silenciosos hinos.

O Chianti era de 45, primeira vindima depois da guerra, quando a terra de Pontesleve, junto de Florença, ainda estremeia ao passarem pela estrada os grandes "tanks" e caminhões; essa terra deu um bom vinho para ser bebido em paz. Foi o que fizemos ao longo da noite, e não creio que tenhamos feito mal.

Dito o que, muito boa noite, e obrigado, e adeus.

11/12/49

284